

Na ocasião da morte de Lúcio Cardoso, em 1968, Clarice Lispector expressa no Jornal do Brasil (11 de janeiro de 1968) a sua dúvida para com o dom do amigo, articulando então o luto pessoal ao legado artístico do escritor:

"Lúcio, estou com saudade de você, corcel de fogo que você era, sem limite para o seu galope.

"Saudade eu tenho sempre. Mas, saudade tristíssima, duas vezes.

"A primeira quando você repentinamente adoeceu, em plena vida. Não morreu da doença. Continuou vivendo, porém era homem que não escrevia mais, ele que até então escrevera por uma compulsão eterna gloriosa. E depois da doença, não falava mais, ele que já dissera das coisas mais inspiradas que ouvidos humanos poderiam ouvir. E ficou com o lado direito todo paralisado. Mais tarde usou a mão esquerda para pintar: o poder criativo nele não cessara".

Acrescenta-se pois, ao trabalho de luto de Clarice Lispector, a responsabilidade do herdeiro. Derrida nos ensina, em sua espectropoética, que o primeiro exorciza enquanto o segundo responsabiliza. Na transcrição de um fragmento de Lúcio Cardoso, "Valores", fica clara a sua preocupação com o que então se apresenta em relação ao que se ausenta: a herança, o que se deixa ao outro, o que lhe cabe de propriedade. Como uma obra-prima se move à maneira de um fantasma, e sendo herança, não se junta nunca, Lúcio Cardoso, ao emitir valores, faz juz ao seu trabalho, presta o seu testemunho ao mover-se de outros fantasmas.

VALORES*

Lúcio Cardoso

Não há muito tempo, um crítico de mau humor andou apregoando a decadência do movimento literário que havia produzido, nestes últimos dez anos, algumas obras fundamentais para a nossa literatura. Tenho agora em mãos, alguns volumes de prosa e de poesia, que me parecem desmentir de modo categórico aquela afirmativa pessimista. Estréias, na verdade, mas não sei se o crítico pessimista, ao se lembrar dos nomes hoje gloriosos de Carlos Drummond de Andrade, de José Lins do Rego, de Marques Rebello, de Érico Veríssimo e de outros, estaria pensando também nos seus livros de estréia, nessa *Alguma poesia* que nos parecia indicar tão pouco o poeta ardente e poderoso de *A rosa do povo*, nesse *Menino de Engenho*, tão longe de condensar a ríspida dramaticidade de *Fogo morto*, nos primeiros contos do autor de *Oscarina*, de onde não se poderia extrair facilmente uma previsão dessa crua Lenizo de *A estrela sobe*, ou nessa *Clarissa*, tão frágil, tão distante dos painéis que o romancista gaúcho ora nos traça... Se pensasse neste início, poderia dizer comigo que os livros enumerados abaixo, a par de reais defeitos, congregam qualidades e possibilidades que não estão muito afastadas das que nos apresentaram aqueles grandes autores modernos.

Os livros de poesia a que me refiro, são: *David* de Marcos Konder Reis, *Mecânica do azul* de Wilson de Figueiredo, e *Vocabulário noturno* de Jacques do Prado Brandão. (Deixo de incluir nesta lista o livro de J. Etienne Filho *Dia e noite* aparecido somente a alguns dias.)

David não me parece um livro de importância decisiva para o seu autor, distanciando-se bastante desse extraordinário *O menino de luto*, ainda inédito, mas que dará ao seu autor um lugar de especial destaque entre quantos trabalham o verso na geração que ora surge.

O livro do sr. Wilson de Figueiredo, merece uma referência mais extensa, dado o valor e a novidade de que se acha revestido. Justamente com *Vocabulário noturno*, que me parece marcar uma das estréias mais significativas nesses últimos tempos, e bastante reveladora da força e das possibilidades dessa corrente mineira que compõe a revista *Edifício*, será tema para um outro artigo. O que me interessa aqui, de modo mais imediato, são os romancistas. Ou melhor, o sr. Adonias Filho, Lêdo Ivo e finalmente Waldomiro Autran Dourado.

A publicação de *Os servos da Morte* não é muito recente, mas todos

* Publicado em *Letras e Artes*, suplemento literário de *A Manhã*, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1947, p. 5.

estão lembrados da celeuma que provocou, divergindo-se das opiniões, uns apontando o livro como autêntica revelação, outros...

Os outros não interessam, são os eternos homens de má fé da nossa literatura, os que sabem tudo ignorando quase todas as coisas, os políticos renitentes, e os que não gostam sem ter lido, como é mais ou menos comum. A verdade é que o romance do sr. Adonias é um autêntico monumento em nossa literatura, isolado, forte, semi-bárbaro lembrando esses penhascos erguidos contra o mar, com seus musgos, suas faces roídas, seu impenetrável mistério. Pois a nota principal do livro do sr. Adonias, é o mistério — e entre tantos destinos que fluem nas suas páginas, sentimos constantemente pairar a sombra da violência, do amor e da morte, esses supremos enigmas que o destino coloca ante a face do homem. Só um artista, e um artista do temperamento de Adonias Filho nos poderia dar notícia desse drama de tão selvagem angústia.

O segundo romance é o do sr. Lêdo Ivo, que já se tinha consagrado como um dos poetas de maiores recursos entre quantos apareceram nestes últimos anos. Sua novela situa-se nesta corrente que caracteriza algumas novelistas inglesas famosas, a sra. Virginia Woolf, por exemplo. (E entre nós, próxima do sr. Lêdo Ivo pelo dom da poesia, e dessa magnífica e sempre lembrada Clarice Lispector, pelo da intuição feminina, bem como pela estranha e densa emoção de que se acha revestida, temos agora de analisar a presença de Maria Julieta Drummond de Andrade, com seu livro de estória *A busca*.)

Os personagens do poeta de *Ode e elegia* se acham voltados para o Tempo — e seu eterno fluir. Neste sentido indagam, investigam, concluem sobre a morte e a fragilidade de todas as coisas. Se este ainda não é o grande romance de Lêdo Ivo, se ainda não exprime tudo o que pode nos dar, é pelo menos um vivo testemunho do seu talento, da sua capacidade de criar e movimentar personagens. Não há dúvida que o Brasil pode contar com mais um romancista, e entre tantas páginas de fluida e tranquila beleza, como existem em *As alianças*, há também o inegável testemunho de um espírito de elite, de um poeta com o raro dom de seguir e se apiedar do destino de nossos semelhantes. Não é um cantor cego, este — mas um homem que sabe acompanhar outras vidas e delas extrair toda a lição de suas dores e alegrias.

O livro do sr. Waldomiro Autran Dorado chama-se *Teia* e é mais uma edição desse incansável *Edifício*, milagre que se realiza em Belo Horizonte pelo esforço de alguns jovens e sem auxílio financeiro de ninguém. *Teia* é de uma rara qualidade e evidencia um futuro promissor para quem o escreveu. Com uma clareza e uma simplicidade como pouca gente possui no Brasil, dotado de uma graça, de uma segurança e de uma poesia que lhe marcam as características fundamentais, o autor de *Teia* se situa nessa corrente de observação e pesquisa que já nos deu um Cornélio Penna, por exemplo. Neste sentido, o sr. Autran Dourado segue a melhor escola minei-

ra, pois ele é um desses construtores de sombras e paisagens escuras, de análise e constante preocupação com os problemas mais fundos do ser e do destino humano, que no clima das montanhas encontra no autor de *Fron-teira* o seu legítimo representante. Confiemos neste pequeno volume (aliás de ótima fatura e muito bom gosto) e auguremos para o seu autor as vastas possibilidades que o seu talento parece anunciar.